

Dois em cada três vereadores da região mudam partido

Vereadores: 66% mudam de partido

Dos 136 legisladores das nove cidades da Baixada Santista, 90 foram para outra legenda na janela partidária, encerrada no sábado

DA REDAÇÃO

Dois em cada três vereadores da Baixada Santista trocaram de sigla durante a janela partidária, período de 30 dias — e que se encerra seis meses antes do primeiro turno das eleições — para que mudassem de legenda sem correr risco de perder o mandato por infidelidade à legenda pela qual foram eleitos.

Levantamento de A Tribuna mostra que, dos 136 vereadores das nove cidades locais, 90 (66,2%) estão em agremiações diferentes daquelas pela quais disputaram as eleições de 2020.

A Câmara de Itanhaém teve 90% de alterações, o maior índice regional. Dos dez vereadores, apenas um ficou no partido de origem. Praia Grande está a seguir, com 85,7% de transferências, o equivalente a 18 dos 21 legisladores. Santos teve o menor percentual, com um terço de trocas, ou sete dos 21 vereadores.

O vaivém partidário também mudou a relação de forças nas câmaras. A maior redução de quadros foi no PSDB, que perdeu 87,5% dos vereadores na região. Das 32 vagas que obtive na eleição passada — 25,4% do total geral —, acabou com quatro.

O encolhimento tuocano também se deu no Executivo. Se, em 2020, o PSDB fez sete dos nove prefeitos, mudanças gradativas que refletiram os cenários políticos nacional e estadual fazem com que esteja, agora, com apenas dois, os de Cubatão e Guarujá.

Também não há mais predomínio tão largo de um partido sobre os demais na Baixada. Em 2020, empatavam na segunda posição PSB, PSD e Republicanos, com 11 vereadores cada. O União Brasil tinha 12, mas surgiu em 2021, da fusão de DEM e PSL.

Agora, na região, a sigla com mais legisladores é o PSD, com 21. Depois, vem o MDB, com 17, impulsionado por uma intensa transferência de vereadores em Praia Grande, sobretudo do PSDB (veja quadros).

Outra comparação: em 2020, os 136 vereadores eleitos se distribuíram em 19 partidos. Agora, 135 eleitos estão espalhados por 20 legendas — um deles não conseguiu novo partido para disputar o pleito deste ano.

REORGANIZAÇÃO

Esta é a terceira vez desde o início da vigência das alterações promovidas pela Lei Federal 13.165, de 2015, em que se abriu janela partidária antes de eleições municipais. As anteriores ocorreram em 2016 e 2020.

“Talvez a gente esteja vivendo em 2024 um momento de reorganização partidária, com o crescimento de algumas legendas, como é o caso do PSD, que herdou muitos políticos, prefeitos, vereadores do PSDB”, avalia o cientista político Alcindo Gonçalves,



Câmara de Santos (foto) foi a menos afetada por trocas: nela, um terço dos vereadores se transferiu de sigla. Na de Itanhaém, índice atingiu 90%

VAI VÉM PARTIDÁRIO

Table with 2 columns: 2020 and 2024, showing party changes for various municipalities like PSDB, União Brasil, MDB, etc.

OBSERVAÇÕES: (1) PARTIDO CRIADO EM 2022 A PARTIR DA FUSÃO DE DEM E PSL (2) PARTIDO CRIADO EM 2023, COM A JUNTÃO DE PATROTO E PTE. FONTES: CÂMARAS MUNICIPAIS, GABINETES DE VEREADORES E REDES SOCIAIS DE LEGISLADORES. LEVANTAMENTO DE A TRIBUNA.

O DESTINO DE CADA UM

Main table titled 'O DESTINO DE CADA UM' showing the transition of 136 legislators from 2020 to 2024 across various municipalities and parties.

FONTES: CÂMARAS MUNICIPAIS, GABINETES DE VEREADORES E REDES SOCIAIS DE LEGISLADORES. LEVANTAMENTO DE A TRIBUNA

Polarização tem efeito diluído, diz analista

“A polarização ideológica nacional, na qual o eleitorado se divide entre partidários do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), tem reflexos em escolhas partidárias. Eles, porém, estão diluídos e vão além desses dois partidos. “O bolsomarismo não tem partido, está presente em vários. O lulismo é maior que o PT”, julga o cientista

político Alcindo Gonçalves. O analista acredita que contornos ideológicos poderão ficar mais claros à medida que se tornar mais rígida a cláusula de barreira. Esse instrumento regula o acesso ao fundo partidário e de deputados federais de uma sigla ou federação. Na prática, diminuem os partidos com verba disponível

para financiar a própria manutenção e campanhas políticas competitivas. Há, porém, outro fenômeno, mais antigo e que consiste no fato de o voto para vereador ser “paróquial”. “O eleitor também se acomoda nessa situação. (...) É um voto do amigo, do cara que pode trazer favor. Então, isso é um círculo vicioso que se retroalimenta”, considera. (RM)

